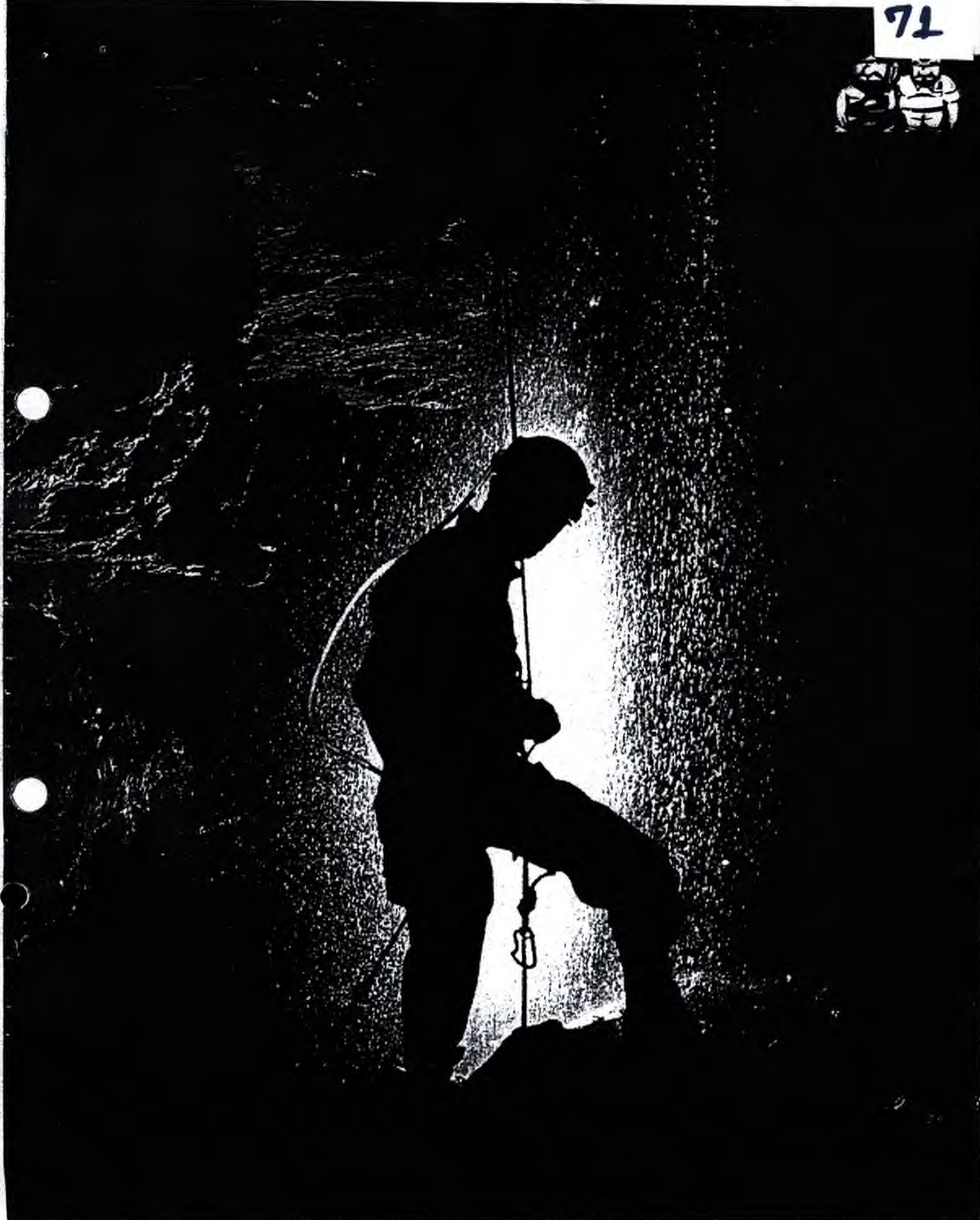


71





O **CARSTE** é publicado quatro vezes ao ano, nos meses de janeiro, abril, julho e outubro, pelo Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas. A assinatura anual é de R\$20,00 e o pagamento deve ser feito com cheque nominal ao Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas, enviando para o endereço abaixo. O **CARSTE** se propõe a publicar artigos versando sobre espeleologia, principalmente nas áreas técnica e esportiva. A comissão editorial se reserva o direito de recusar ou sugerir alterações nos artigos enviados. Opiniões emitidas em artigos assinados são de exclusiva responsabilidade do autor. A utilização de material publicado no **CARSTE** depende de autorização do Grupo Bambuí ou dos autores.

O Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas, fundado em 1983, filiado à Sociedade Brasileira de Espeleologia - SBE, é uma entidade de utilidade pública estadual sem fins lucrativos, dedicada a exploração, estudo e preservação de cavernas. O Grupo Bambuí se reúne todas as quartas-feiras às 20:30 na sua sede, situada à Av. Nossa Senhora do Carmo, 221 - 307/308 - CEP: 30.360-740 - Belo Horizonte/MG.



Maiores informações sobre o **CARSTE**, sobre o Grupo Bambuí ou sobre espeleologia em geral podem ser obtidas no mesmo endereço ou pelos telefones abaixo.

Esta edição conta com o apoio do Ministério da Cultura através da Lei 8313/91

Editor

Ezio Luiz Rubbioli - Tel: 0xx31-9976-6413

Assinaturas

Georgete Dutra - Tel: 0xx31-286-3060

Representante em São Paulo

Murilo Valle - Tel: 0xx11-748-2263

Revisão

Arnaldo Meira, Lúcia Senna Ilorta e Pedro Lobo Martins

Abstracts

Adriana Paiano

Diagramação

Ezio Rubbioli e Roberto Brandt

Ilustrações

Helena David

TECNOLOGIA DE IMPRESSÃO É COM A ROTOCROM

MDF - AGLOMERADOS
COMPENSADOS - CHAPAS
ETC.



DEPTO. DE CRIAÇÃO DE IMAGENS



GRAVAÇÃO DOS CILINDROS



rotocrom

Estr. da Canjica, 626 - Terra Preta
Mairiporã - SP - 07600-000 - Brasil
FONE: (011) 7886-8300 - FAX: (011) 7886-1886
e-mail: rotocrom@rotocrom.com.br
www.rotocrom.com.br

ASSINE E ANUNCIE N'O CARSTE

Anúncios e assinaturas podem ser feitos por carta ou telefone.

Assinatura anual d' O CARSTE: R\$20,00.

Cheque nominal ao Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

O **CARSTE** is published quarterly by the Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas. We welcome contributions from foreign cavers. As for now, we prefer to send O **CARSTE** in an exchange basis. Information can be obtained from the address below.

We ask for exchange

O **CARSTE** est une revue trimestrielle publiée par le Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas. Les articles de spéléologues étrangers sont les bienvenus. Nous souhaitons offrir O **CARSTE** en échange de vos revues.

Toute information peut être obtenue à l'adresse suivante.

Echange souhaité

Av. Nossa Senhora do Carmo, 221 - 307/308 - Belo Horizonte/MG
30.360-740 BRASIL
e-mail: carste@net.em.com.br

Grutas e Abrigos Arqueológicos "Encantados"



Vale do Rio Doce- MG

Alenice Motta Baeta

Arqueóloga e Historiadora- Setor de Arqueologia-MHNeJB\UFMG

MAGIC CAVES AND SHELTERS

Sete Saloes Park - Takrukkrak
Mountain - Rio Doce Valley - MG

This article concentrates on the symbolic relationship established by the indigene group "krenak" with some areas of the Rio Doce Valley, specially the quartzite outcrops of the Onça and Boiadeiro Mountains, at the right margin of the river (municipalities of Conselheiro Pena, Resplendor, Itueta and Santa Rita do Itueto - MG).

These outcrops constitute the Geomorphologic Unity of "Rio Doce e Planaltos Dissecados do Centro-Sul e Leste de Minas", mainly characterised by hills with flat-bottom valleys and pluvial plains. Besides the quartzite outcrops, granite peaks can also be found in the area.

The krenak have been living at the Rio Doce Basin since immemorial times. Nowadays they occupy a delimited territory at the opposite margin of the river, in front of the Onça Mountain - which is called by them "Takrukkrak", or "high stone". They are the only remaining indigene group in the whole area.

1. Localizam-se entre as coordenadas UTM 7.864 Km a 7.872 Km N e 244 Km e 256 Km E, sendo drenadas principalmente pelos córregos da Onça, Lapa, Lava, Boiadeiro e Itatiaia.

2. A área estimada do Parque abrange 12.520,90 hectares.

3. Significa Índio na Língua materna dos Krenak, que por sua vez significa "Cabeça na Terra".

68

Este artigo focaliza numa perspectiva etnoarqueológica e patrimonial a relação simbólica estabelecida entre o grupo indígena *Krenak* com determinados ambientes do Médio Vale do Rio Doce-MVRD, em especial os afloramentos quartzíticos das serras da Onça e Boiadeiro¹, que se localizam na margem direita do rio Doce, entre as micro-bacias dos rios Cuieté e Manhuaçu - que abrangem os municípios de Conselheiro Pena, Resplendor, Itueta e Santa Rita do Itueto. Compõem a área do Parque Estadual de Sete Salões², criado no dia 22 de setembro de 1998 por meio do Decreto n. 39.908 pelo Governo do Estado de Minas Gerais. O Instituto Estadual de Florestas-IEF, é, desde então, o órgão responsável pela implantação e administração do mesmo.

Esses afloramentos compõem a Unidade Geomorfológica do Rio Doce e dos Planaltos Dissecados do Centro-Sul e do Leste de Minas, caracterizada principalmente por colinas com vales de fundo chato e planícies fluviais. Além dos afloramentos e escarpas quartzíticas há, também, nas adjacências, áreas colinares e cristas graníticas.

Os *Krenak*, grupo indígena que habita por tempos imemoriais esta bacia, atualmente possui território demarcado na margem oposta do rio Doce, defronte à serra da Onça, denominada por eles de "Takrukkrak" ("Pedra Alta", na língua *Borum*³). É o único grupo indígena remanescente existente em todo o Médio Rio Doce.

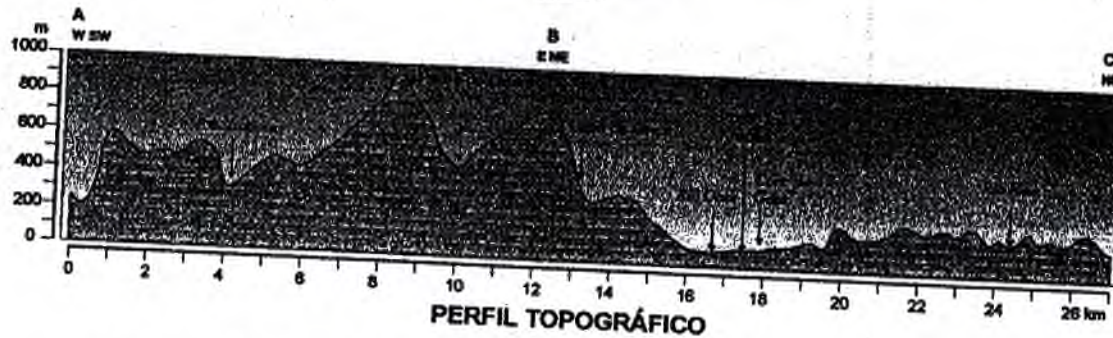
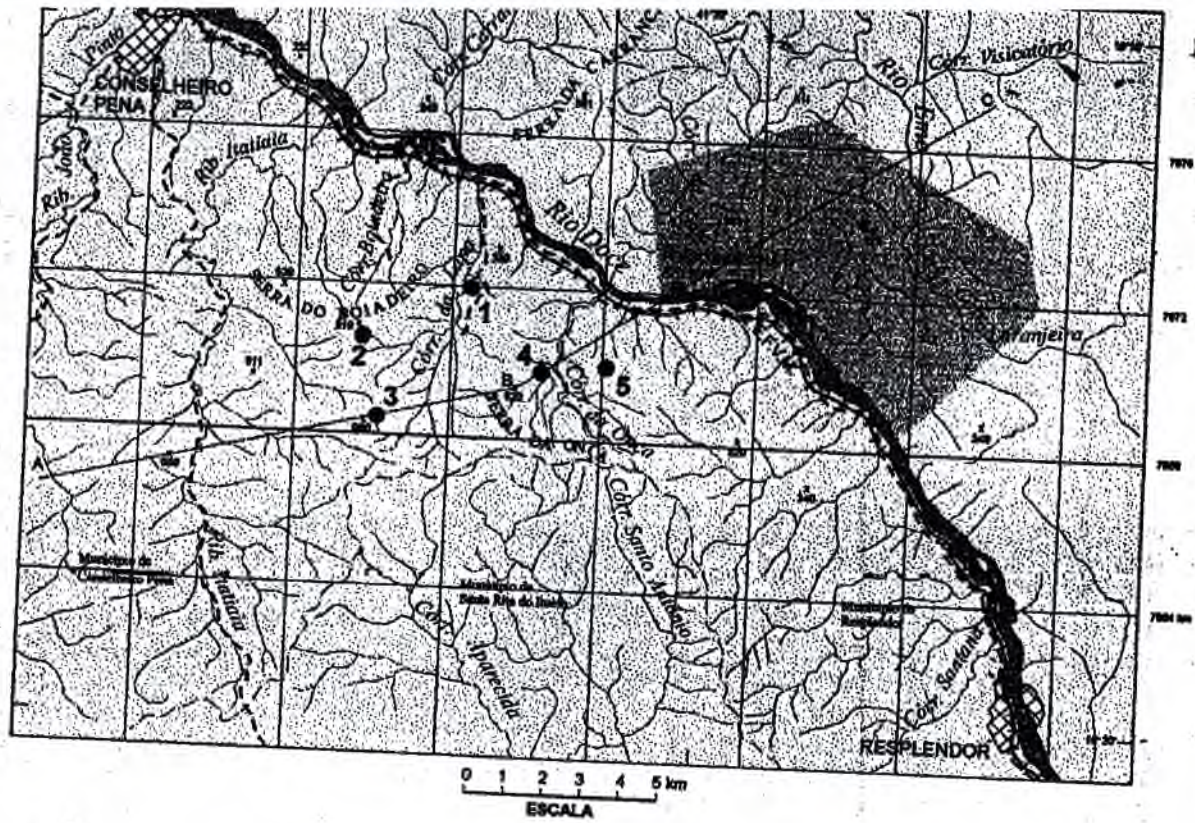
Testemunhos da Ocupação Indígena no rio Doce

Fontes manuscritas, bibliográficas e orais atestam que o Baixo e Médio Rio Doce foram ocupados na "pré-história" recente e no período de contato com os colonizadores por grupos indígenas pertencentes ao Tronco Linguístico Macro-Jê, como os *Coroados, Puris, Apuraris, Maxacali, Malali, Pataxós, Pochechás, Gporacs, Naknemks, Etwet, Takrukkrak, Nep-Nep, Gutkrak (Krenak), Nakpie, Covugn, dentre outros*. (Marcato, 1979; Paraiso, 1990). Há também testemunhos arqueológicos que indicam que grupos indígenas atribuídos à cultura Tupi-Guarani habitaram esta região, pelo menos, no período cerâmico pré-colonial.

Até o momento, todos os sítios arqueológicos com registros rupestres identificados no MVRD encontram-se exclusivamente na margem direita deste. Estão circunscritos (com exceção de um) às serras do Boiadeiro e da Onça, onde se encontra o maior conjunto de afloramentos quartzíticos de toda a região, constituídos por escarpas e altíssimos paredões.

Os abrigos localizam-se preferencialmente nos topos das colinas, nas bases dos paredões, distantes de rios e córregos, mas também ocorrem em pequenos blocos inclinados, próximos aos afluentes do rio Doce. A cota altimétrica, varia de 300 metros a 900 metros, sendo que o rio Doce encontra-se atualmente na cota 90 metros. O acesso à maioria dos abrigos e grutas é difícil, o que

ABRIL/00



MAPA DE LOCALIZAÇÃO



LEGENDA

- | | |
|---------------------------------------|-----------------------------|
| ● Sítio arqueológico | SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS |
| — Cursos d'água | 1 - Sítio da Lapa |
| - - - Limite intermunicipal | 2 - Sítio Boladeiro |
| - - - Estrada não pavimentada | 3 - Pedra do Letreiro |
| ++++ Ferrovias | 4 - Lapa da Onça |
| A-B Localização do perfil topográfico | 5 - Pedra Pintura |
| ⊠ Sede de município | |
| ▨ Área indígena (aproximada) | |
| ● Posto indígena | |
| 520 Ponto cotado (m) | |

FONTE: IBGE, CARTA DO BRASIL - ESC. 1:100.000 - FOLHA CONSELHEIRO PENNA, 1978

Mapa de localização dos sítios arqueológicos. Fonte: Baeta, 1998. Tratamento gráfico: Marcos E. Brito.

Serra Takrukkrak

A serra da Onça foi também uma localidade importante para os indígenas no período de contato com os brancos. Por se apresentar de difícil acesso, foi um dos pontos estratégicos de resistência indígena (...)

propiciou a sua parcial preservação. A Gruta Sete Salões, apesar de não apresentar indícios de ocupação arqueológica, além de um importante sítio espeleológico e também um ambiente de interesse etnológico, haja vista ser importante referência na atual cosmologia do grupo *Krenak*. Lamentavelmente, é o local mais depredado devido às visitas contínuas de "turistas". Em suas paredes externas há inúmeras depredações. Trata-se de datas e nomes inscritos em seus suportes, além do acúmulo de lixo que ali se encontra depositado oriundo de acampamentos que ali foram realizados.

Já foram identificados seis abrigos rupestres: Pedra Pintura, Boiadeiro, Pedra do Letreiro, Lapa, Onça e Zé Barbeiro, destes, quatro estão sendo considerados *complexos*, em função de se constituírem vários abrigos com pinturas. O sítio da Lapa, por exemplo, apresenta dezenas de blocos pintados em uma área de aproximadamente 10.000m².

Os sítios Boiadeiro e Zé Barbeiro são os únicos que apresentam somente um abrigo pintado. Nos demais, há casos cujos espaços pintados são compostos por blocos ou abrigos inclinados, próximos entre si (Pedra Pintura, Onça e Lapa), como também abrigos com fendas e condutos que permitem atravessar o afloramento (Letreiro).

Segundo o olhar e a cosmologia *Krenak*...

As figuras rupestres e a Gruta Sete Salões são "Encantadas"

Von Ihering, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, identificou, em 1911, três grupos Botocudos: *Minhagiruns* do rio Pancas, Botocudos de Natividade do rio Manhuaçu e os Botocudos da Lapa,

acima da Barra do Manhuaçu. (Marcato, 1979: 6)

Segundo descrição geográfica, os Botocudos da Lapa, cujo chefe chamava-se *Takrukkrak* (Pedra Alta, na língua *Borum*), também conhecidos como *Gutkrak*, habitavam acima da Barra do Manhuaçu. A partir do século XIX, o nome genérico "Botocudo", cede lugar a denominações locais ou regionais. Era também comum o nome do grupo ser o homônimo do seu líder.

"Outra informação que importa grifar é relativa aos Botocudos da lapa: ao cacique desta última localidade davam o nome de crenac, ao passo que o capitão Tijuque era o cacique de Manhuaçu." (Von Ihering *apud* Marcato, 1979: 34)

O único local em todo o Médio rio Doce logo acima da barra do rio Manhuaçu que possui afloramentos rochosos constituídos por várias lapas e cavernas é exatamente a serra da Onça. A associação de sentido entre as designações pelas quais era conhecido o grupo *Takrukkrak* ou *Gutkrak*, posteriormente *Krenak*, sugere a identificação daqueles índios com esses abrigos rochosos quartzíticos, alguns deles com figuras rupestres. (Baeta & Mattos, 1994)

A serra da Onça foi também uma localidade importante para os indígenas no período de contato com os brancos. Por se apresentar de difícil acesso, foi um dos pontos estratégicos de resistência indígena, tendo sido utilizada como zona de refúgio e defesa em casos de conflitos armados. Existem algumas histórias contadas pelos *Krenak* que narram o tempo em que os índios se escondiam nas locas de pedra. Alguns dos encontros entre chefes índios e brancos na época dos primeiros contatos foram marcados

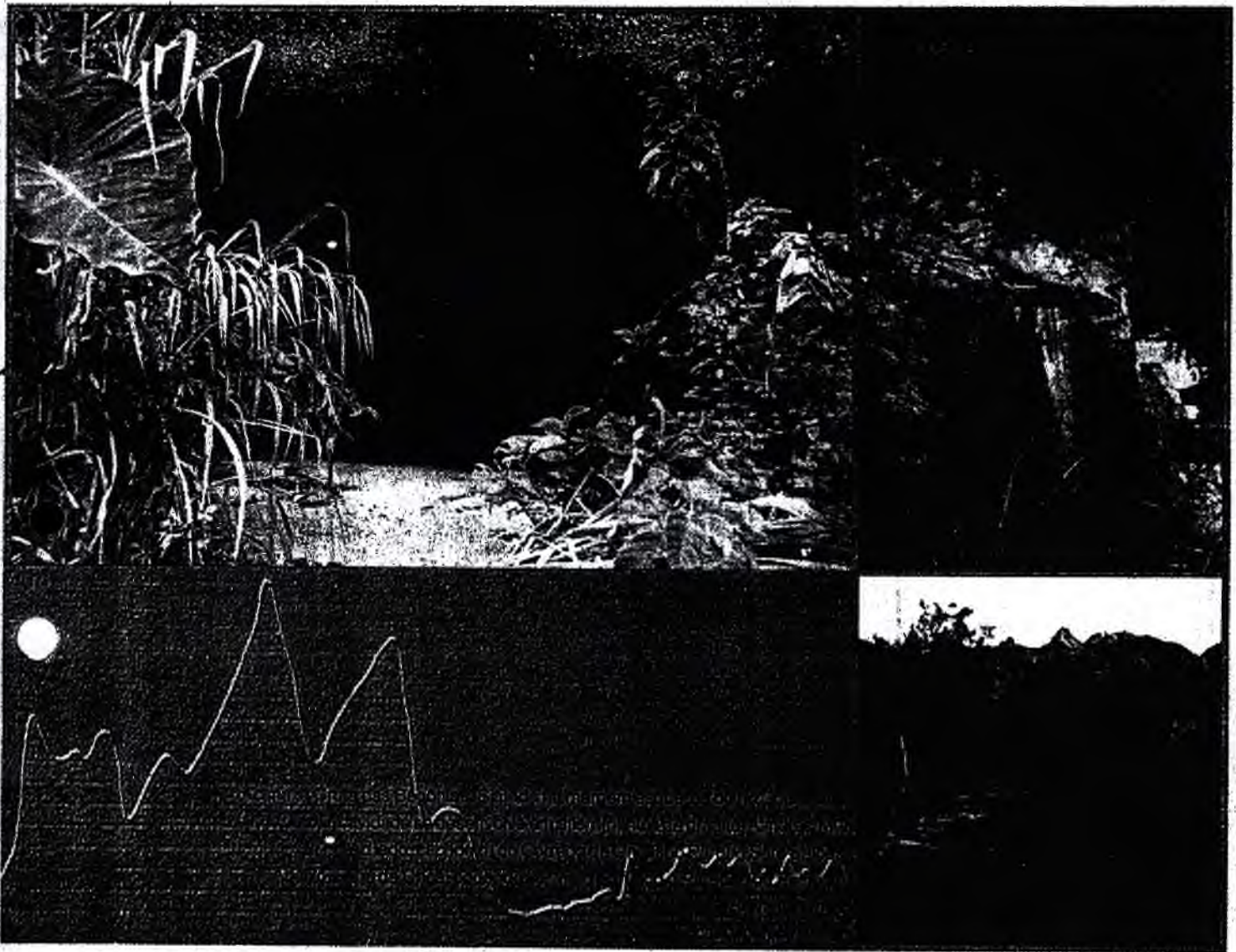
nestes locais, prevenindo, assim, emboscadas contra os indígenas.

Uma velha índia de origem *Gutkrak*, Laurita Félix, conta que quando pequena ia com os pais passear nas "pedreiras" com pinturas, ainda consideradas por eles como *Takrukkrak*, onde se encontram muitos lugares *encantados*. Porém, ela hoje não sabe mais chegar a esses locais, não podendo assim ensinar os caminhos aos seus filhos. Inclusive, a maioria dos jovens *Krenak* nunca esteve em nenhum dos abrigos pintados.

Segundo *Tian* (Maria Sônia *Krenak*), de origem *Nakhrehê*, "os civilizados é que deram o nome de Onça para a serra, pois eles matavam muita onça e outros animais." Para os *Krenak*, o verdadeiro lugar denominado *Kuparak* (onça), localiza-se perto da antiga aldeia *Kijeme-Brek* (Aldeia Bonita, na língua materna), que se encontrava na cabeceira do rio Eme.

Devido ao conflito de terra que travam há muito tempo, os *borum* ficaram praticamente isolados das lapas de pedra, pois elas se encontram na margem oposta ao atual posto indígena *Krenak*, dentro de algumas propriedades rurais. Apesar de os paredões rochosos, das grutas e abrigos arqueológicos não pertencerem legalmente a estas propriedades, para visitá-las é necessário adentrar várias porteiras com cadeados, além de pedir autorização aos proprietários.

Após tantos massacres e ameaças de morte por parte dos fazendeiros e posseiros da região, os *Krenak* evitam fazer incursões em determinadas localidades vizinhas, temendo represálias. Mesmo assim, esses ambientes, incluindo cavernas, antigas aldeias indígenas e cemitérios, são referenciais marcantes na história e na cosmologia *Borum* atual.



Neste sentido, o território cultural *Krenak* expande em muito os limites jurídicos da atual área demarcada, abrangendo localidades que há décadas não são mais frequentados pela comunidade *Krenak*. O território intangível abrange esses lugares, vividos e revividos na memória do grupo, habitados até hoje por espíritos de velhos *Borum*- os *Makhián-encantando-os*, garantindo assim o domínio do espaço.

Maria do Rosário Carvalho (1982), aponta a "importância da dimensão territorial no engendramento da identidade étnica, sempre procurando apreendê-la referida ao sistema de relações sociais." (ib: 169)

O acesso ao sítio Pedra Pintura, na serra *Takrukkrak*, era um dos únicos conhecidos por alguns membros do povo *Krenak*, até o início do nosso trabalho, pois este abrigo é o que se

encontra mais próximo do posto indígena, localizando-se a um quilômetro defronte da aldeia, no topo de uma das vertentes opostas.

O sítio Pedra Pintura é até hoje ponto de parada de alguns caçadores *Krenak*, que eventualmente arrancham neste local. Segundo Zezão *Krenak*, que já dormiu uma vez na Pedra Pintura, "este lugar muda o estado da gente, dá um remorso na gente, ouve uma voz de longe... um lugar bonito, onde os parentes antigos da gente andou." Há também referências sobre a existência de antigos cemitérios indígenas nas proximidades deste abrigo, em especial ao longo do córrego da Lapa.

Segundo Saint Hilaire (1936 *apud* Paraíso, 1992:424), os mortos eram enterrados na posição fletida, em covas rasas. Sobre os túmulos eram colocados pálios feitos de troncos e

galhos de palmeiras, enfeitados com penas de árvores e peles de animais. Eram deixados alimentos para os espíritos dos mortos, evitando, assim, que eles virassem onça e atacassem a aldeia.

"Afirmam os índios que, após as terras terem sido invadidas pelos brancos, eles não puderam localizar o túmulo de *Krenak* (líder do grupo) e alimentar as suas almas. Estas então transformaram-se em onças e residem no sétimo salão do conjunto de grutas do município de Resplendor, conhecido por Sete Salões (na serra da Onça). Segundo os *Krenak*, todos os *Kraf* podem percorrer os seis primeiros salões, porém se tentarem penetrar no sétimo, serão destroçados pelo *Kuparak-Krenak* (Onça *Krenak*)" (Paraíso, 1992: 427)

Serra Takrukkrak

A serra *Takrukkrak* e as pinturas rupestres da mesma, são atualmente símbolos fortes utilizados pelos jovens *Krenak* na reafirmação da sua identidade étnica.

Segundo uma índia já falecida, Sebastiana, filha do capitão *Muin*, neta do capitão *Krenak*, se alguém entrasse em uma das grutas da serra da Onça (Gruta Sete Salões) sairia de lá abobalhado, sem saber contar o que viu. (Mattos, 1996: 152)

Laurita Félix, diz que "os *Krenak* não gostam que os *Kraí* (Branco) visitem a gruta Sete Salões, porque eles quebram as paredes, rabiscam nelas e fazem fumaça, e a fumaça tira o encanto das coisas, espantando os *Makhián*. Eles vão pra outro lugar, mas depois, eles costumam voltar".

Paraíso (1989), descreve uma visita que fez ao cemitério *Krenak* em companhia de uma velha índia, em que a presença do *Kraí* (branco) na área de enterramento exigiu o ritual de explicações ao morto sobre a presença do intruso e pedidos para que não se ofenda e aceite tal intromissão. (ib: 40) A perda de poderes mágicos vivida pelos *borum* é associada às constantes invasões dos *Kraí* nos seus ambientes sagrados. Atualmente não há nenhum *Xamã* entre os *Nakhrehê*.

Para os *Krenak*, a presença dos *Makhián*, de uma força mágica (*Yikégn*) na lapas com pinturas de índios e nas cavernas, é que ainda as protegem. Caso as pinturas das paredes sejam destruídas pelo *Kraí*, as mesmas têm o poder de reaparecerem no mesmo lugar, tempos depois.

"A situação de contato com segmentos da sociedade nacional provocava nos grupos indígenas, de

modo geral, a elaboração de seres míticos combativos, fortes, como mecanismo para enfrentar os civilizados simbolicamente já que no plano real estavam submetidos às investidas nacionais. Entre os *Krenak*, *Nationg* e *Marét-Makhián* correspondiam, no plano simbólico, aos defensores de que o grupo necessitaria para manter-se coeso diante do avanço dos *Kraí-Kreton* (civilizado)." (Guimarães, 1990: 48)

Em visita, pela primeira vez, a um dos abrigos rochosos com pintura cuja localização exata os *Krenak* não mais posulam na sua memória coletiva, no caso do sítio Pedra do Letreiro, *Tian*, seu filho, Juvenil, Zezão e Míuda *Krenak* de origem *Nakhrehê*, transmitiram uma forte emoção ao reencontrar este local, começando imediatamente a conversar na linguagem materna, excluindo os pesquisadores (*Kraí*), das suas primeiras interpretações dos desenhos rupestres, posto que não pertenciam àquele universo. (Baeta & Mattos, 1994)

Reverência à Cultura Indígena e Alteridade Cultural - Preservação do Patrimônio Espeleológico e Arqueológico da serra Takrukkrak

A serra *Takrukkrak* e as pinturas rupestres da mesma são atualmente símbolos fortes utilizados pelos jovens *Krenak* na reafirmação da sua identidade étnica. Mas quais podem ser as medidas que garantam a preservação e a conservação participativa do patrimônio existente nesta serra?

Reflexões sobre a conservação do patrimônio cultural e ambiental em bases sustentáveis vêm sendo realizadas, principalmente por alguns grupos indígenas da região amazônica, tendo sido elaborado, dentre outros,

um plano piloto de ecoturismo em terras indígenas.⁴

"O patrimônio cultural, no que se refere aos sítios arqueológicos, deve ser tomado como elemento constitutivo na elaboração de políticas públicas voltadas para a gestão dos territórios indígenas." (Santos & Oliveira, 1997: 11)

Contudo, a serra *Takrukkrak* encontra-se fora do território juridicamente demarcado dos *Krenak*, não se tratando de um lugar que esteja sob o controle territorial e político dos mesmos.

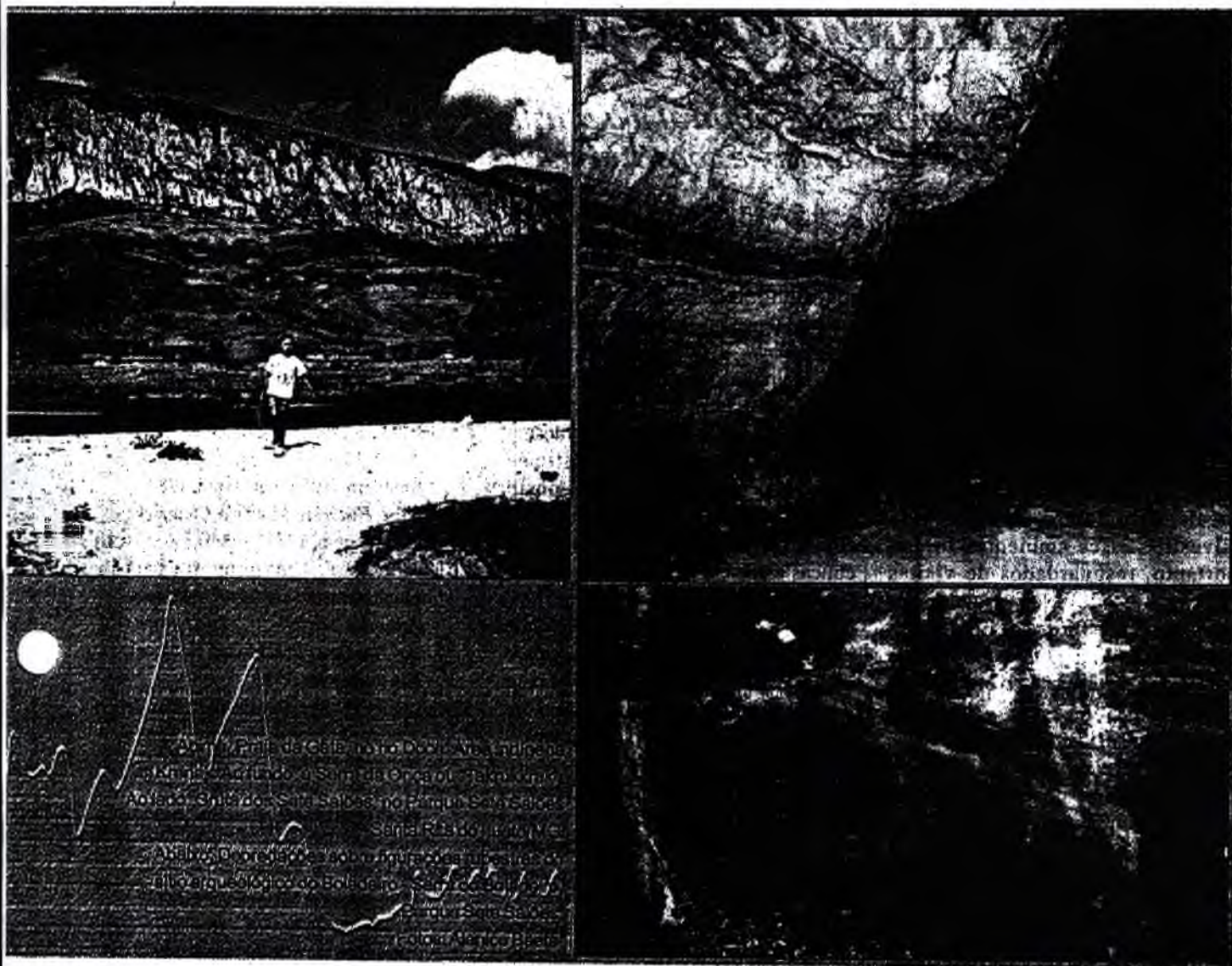
Por isto, a sua conservação exigirá uma política educacional/ambiental que envolva toda a população indígena e a não-índia. O projeto de educação escolar indígena *Krenak*, por exemplo, que já vem sendo desenvolvido desde 1997, possui um papel muito importante, no sentido de criar espaços para uma reflexão crítica sobre a herança e a memória indígena, não só entre os *Krenak*, mas também com a população regional.

Desta forma, a escola, que a princípio está voltada somente para dentro da aldeia, enquanto uma escola específica e alternativa, poderá também vir a cumprir um papel de multiplicadora, ao levar às outras escolas, no caso as formais, reflexões acerca da memória histórica e do meio ambiente da região, bem como da importância da sua valorização.

"(...) é necessário criar mecanismos políticos e sociais capazes de incentivar ações que permitam às diferentes etnias existentes no contexto brasileiro, o desenvolvimento de práticas voltadas ao conhecimento e à valorização do seu acervo cultural." (Santos & Oliveira, 1997: 3)

4. Manual Indígena de Ecoturismo. Brasília, MMA, 1997.

5. New South Wales National Park and Wildlife Service\ Kakadu National Park-Austrália.



Há na região do Médio Vale do Rio Doce, principalmente nas proximidades das áreas urbanas, atividades mineratórias ainda pouco expressivas economicamente; trata-se de pedreiras de quartzito de pequeno e médio porte. Alguns moradores da serra *Takrukkrak*, que extralam madeira para venda, após a proibição da polícia florestal vêm como alternativa econômica a possibilidade de explorar as rochas dessa serra, o que é muito preocupante. Apesar de proibido por lei, há casos de outras regiões do estado onde mineradoras detonaram cavernas e abrigos arqueológicos. Teme-se que no futuro próximo, apesar da implantação do Parque Estadual Sete Salões, que a serra sofra investidas econômicas desse tipo, haja vista não haver ainda zoneamentos ou fiscalização ambiental adequada.

A serra *Takrukkrak* (Onça e Boiadeiro) pode ser considerada um *nicho ecológico*, na medida em que apresenta um quadro natural\ paisagístico que se destaca em todo o Médio Vale do Rio Doce. Apresenta as altitudes mais elevadas nas feições topográficas da região, possuindo, inclusive, o maior conjunto de afloramentos quartzíticos, compostos por escarpas, abrigos, cavernas, nascentes e cachoeiras.

A sua preservação faz-se necessária não só por ser um lugar especial para o povo *Krenak*, mas também por apresentar um conjunto paisagístico e patrimonial que, se preservado, irá contribuir para a qualidade de vida de toda a população local. A poluição dos seus mananciais, por exemplo, atingirá a *todos*.

Nesse sentido, buscar compreender a complexidade da situação apontada

anteriormente significa abrir diálogos\ discutir a convivência entre as diferenças e os distintos olhares sobre essa serra, visando a qualidade de vida para todos os seres que nela habitam.

"Indissoluvelmente ligadas e dependentes dos processos econômicos e políticos da sociedade brasileira, essas questões interessam não só aos povos indígenas. (Arruda, 1994: 81)

Há alguns projetos em unidades de conservação ambiental\cultural, em especial na Austrália, que foram implantados levando em consideração a biodiversidade ambiental e a diversidade cultural dos povos tradicionais da região. No exemplo Australiano⁵, representantes das comunidades aborígenes vêm participando da gestão de parques,

Serra Takrukkrak

"A valorização da especificidade cultural é a afirmação da sociedade indígena como sujeito histórico, e constitui a evidência legitimadora de seus direitos como povo."

sendo, inclusive, monitores e/ou guias nas zonas destinadas ao ecoturismo.

A definição dos limites dessas unidades de conservação, bem como o zoneamento e os critérios de manejo ambiental respeitaram, nesta medida, os locais sagrados e/ou destinados a alguma atividade específica dos grupos locais, bem como áreas de vida silvestre. Esses ambientes foram, portanto, resguardados de visitas turísticas e outras atividades. Em compensação, foram definidos em comum acordo as zonas que seriam destinadas à realização do ecoturismo, instalação de infra-estrutura, além de outras atividades econômicas e sociais. (Leite, 1993)

Como parte dos programas de educação ambiental/patrimonial, os representantes das comunidades tradicionais realizam palestras e outras atividades que visam divulgar a história do seu povo, bem como a importância da preservação do patrimônio etnoarqueológico e espeleológico existente na mesma.

É também realizado na Austrália, como parte integrante deste programa de gerenciamento dos parques, programa específico de conservação das pinturas rupestres através da limpeza e retirada de rabiscos/depredações atuais sobre as mesmas, bem como a contenção de infiltrações de água e escorrimentos minerais nos paredões pintados. (Lambert, 1989; Crotty, 1989)

Este exemplo, apesar de ainda distante da realidade patrimonial brasileira, pode em parte contribuir na elaboração de propostas preservacionistas para a serra Takrukkrak e outras unidades de conservação no país, com características similares.

A elaboração de um diagnóstico que leve em consideração a complexidade ambiental e cultural,

incluindo um laudo etnológico, espeleológico e arqueológico da serra Takrukkrak e adjacências, faz-se imprescindível, e talvez seja a única forma de reverter o quadro de abandono e depredação que a mesma vem apresentando nas últimas décadas. A elaboração deste diagnóstico deverá certamente contar com a participação das comunidades étnicas e sociais envolvidas.

"A valorização da especificidade cultural é a afirmação da sociedade indígena como sujeito histórico, e constitui a evidência legitimadora de seus direitos como povo." (ibidem)

Referências Bibliográficas

- ARRUDA, R. Existem Realmente Índios no Brasil? *Perspectiva*, São Paulo, 8(3), 1994.
- BAETA, A. M. & MATTOS, I. M. Arte Rupestre, Etno-História e Identidade Indígena no Vale do Rio Doce-MG. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8(1):303-320, 1994.
- BAETA, A. Os Grafismos Rupestres da Serra Takrukkrak. *Revista de Arqueologia Reunión Científica da SAB*. Rio de Janeiro, 1998.
- BAETA, A. Memória Indígena no MVRD-Arte Rupestre e Identidade Krenak. Dissertação de Mestrado-FAEUFMG, 1998.
- BAETA, A. Que História interessa aos povos indígenas? *Revista BAY- Educação Escolar Indígena em Minas Gerais*. SEE, Belo Horizonte, 1998.
- CARVALHO, M. do R. A Identidade dos Povos Indígenas do Nordeste. *Anuário Antropológico*. Salvador, 1982.
- CROTTY, H (Org) *Preserving our Rock Art Heritage*. San Miguel, Califórnia: Ed. H. Crotty, 1989.
- GUIMARÃES, N. M. C. *Quem são os filhos e netos do capitão Krenak? Um*

estudo sobre manipulação étnica. A árdua trajetória dos Botocudos do Rio Doce. Monografia apresentada no final do curso de Ciências Sociais-Fafich, Belo Horizonte, 1990.

LAMBERT, D. *Conserving Australian Rock Art-A Manual for site Managers*. Canberra: By Graeme Ward, 1989.

LEGOFF, J. *História e Memória*. Campinas: ed. Unicamp, 1994.

LEITE, J. C. F. Uma proposta para monitoramento em terras indígenas. *Atlas das Terras Indígenas do Nordeste*. Petrópolis: Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1993.

MANIZER, H. *Les Botocudos*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Museu Nacional, 1919.

MANUAL INDÍGENA DE ECOTURISMO. Brasília, MMA, 1997.

MARCATO, S. A Repressão contra os Botocudos em Minas Gerais. *Boletim do Museu do Índio: 1. Etno-História*. Rio de Janeiro, 1979.

MATTOS, I. M. de *Borun, Bugre, Kral- Constituição Social da Identidade e Memória Étnica Krenak*. Dissertação de Mestrado- Departamento de Pós-Graduação Sociologia- FAFICH/UFMG, 1996.

PARAÍSO, M.H., Os Botocudos e sua Trajetória Histórica in Carneiro da Cunha, M. (org) *História dos Índios no Brasil*, São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. São Paulo: edusp, 1958.

SANTOS, M. V. M. & OLIVEIRA, A. G. A relação possível entre a questão indígena e o patrimônio cultural. *INESC*, Ano V, n. 31, Brasília, 1997.

VON IHERING, H. Os Botocudos do Rio Doce. *Revista do Museu Paulista*, vol. VIII, São Paulo, 1911.

YORK, A.; DALY, R.; ARNETT, C. *They Write their dreams on the rock forever*. Vancouver: Talobooks, 1993.

GRUTA DOS SETE SALÕES

Santa Rita do Itueto - MG

UTM 24K 252110 L 7865520 N

Núcleo de Atividades Espeleológicas

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

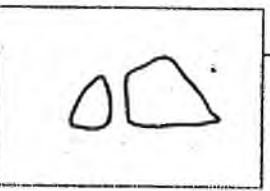
Topo grau 4C - BCRA - Nov. 1993

Proj. Horiz.: 450m

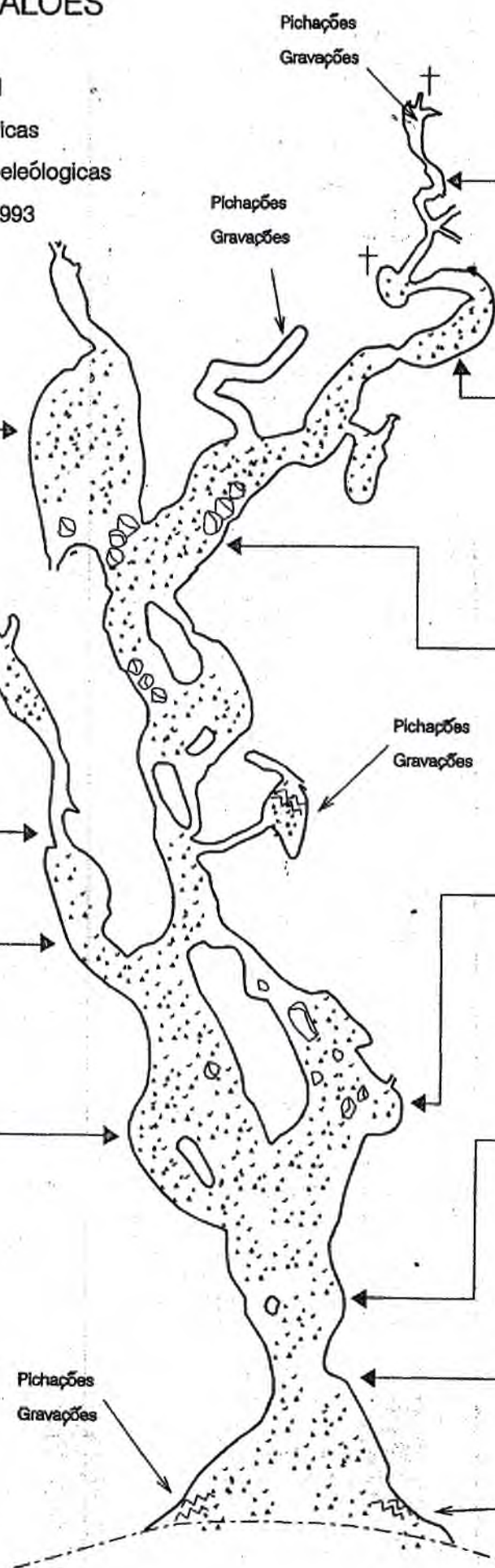
Desn.: 15m



SALÃO VERMELHO



SALÃO PATA DA ONÇA



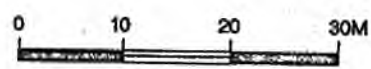
Pichações
Gravações

Pichações
Gravações

Pichações
Gravações

Pichações
Gravações

Pichações
Gravações





**SEMANA
DO MEIO
AMBIENTE
CEMIG**



**JUNHO
1999**